ANO 1 AVEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1923 N.º 4

"O DEBATE"
Serviço de Administração
Rua dos Mercadores, 26—Aveiro

O Debate

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICNO PORTUGUEZ NO DISTRITO DE AVEIRO

Assinaturas

Ano ... 6$00
Semestre ... 3$00
Estrangeiro e ultramar ... 12$00
Avulso ... $15

Anuncios, linha—$30
Permanentes, contracto especial

Fundador—DR. JOSÉ BARATA

Director — Manuel das Neves

Redacção e Administração
Rua dos Mercadores, n.º 26—AVEIRO

Editor — Manuel das Neves
Anunciam-se as publicações de que nos seja enviado um exemplar

Composto e impresso na Tip. *Progresso* (a electricidade)—AVEIRO

I. C.
397—José Maria Sarabando

13 DE FEVEREIRO

Foi ha quatro anos e da nossa memoria não se apagaram ainda os gritos tragicos dos martires do Eden. Não se apagará já mais da memoria do povo português a recordação sinistra desse episodio, a um tempo burlesco e dramatico, da nossa historia politica contemporanea.

O povo costuma guardar no cadinho da sua alma os grandes fachos que fazem grande uma raça, mas tambem não olvida aqueles que, tendo-o feito passar horas angustiosas de tortura e de incertêsa, marcaram na Historia um lugar de vergonha e de ignominia.

Assim como guarda, orgulhoso e altivo, a lembrança de Aljubarrota e de Nun'Alvares, da India e de Vasco da Gama, do Mindêlo e de 5 de Outubro, conserva tambem gravadas na sua mente os nomes de D. Henrique, D. João VI, Sidonio, Paiva Couceiro e Traulitania, para só citar os mais salientes.

Sim, o povo de Portugal, bom e generoso, povo que sempre acalentou as melhores virtudes e os mais belos sonhos de Liberdade, que sempre reagiu contra todas as tiranias e despotismos, não pode esquecer a traição miseravel dum rei que fugiu covardemente deante do invasor, a loucura de Sidonio Pais, a abjecção e vileza dos trauliteiros.

Nesse dia memoravel de 13 de fevereiro, uma das datas gloriosas das lutas pela Liberdade, teve o seu epilogo esse reino de fatidica memoria que á historia passou amarrado ao pelourinho ignominioso do seu nome: Traulitania.

Obra de sicarios, produto duma infame traição, esse reino de tragédia e farça teve o destino que a justiça marca sempre a todas as obras que assentam os seus alicerces na lama do odio, no terreno movediço da vingança e do crime; afogou-se nessa mesma lama que o implantára, desfez-se ao sopro do vento da liberdade.

O povo republicano jazia em imundas masmorras, algemado no seu ideal pelo cesarismo sidonico, que só poude vingar mercê duma vergonhosa campanha de derrotismo feita no seio do exercito de Portugal pela complexa fauna de cobardes, germanofilos e monarquicos.

Como consequencia dessa traição, pagina negra na nossa luminosa historia, produz-se a guerra civil que divide o País em duas partes: o reino do norte e o sul, que ficou fiel ás instituições republicanas. E nós assistimos desde então, horrorizados, a essa luta fratricida que foi provocada por bandoleiros a quem nenhum ideal nobre guia, que apenas queriam cevar os seus ódios nos corpos indefesos dos republicanos.

O sangue das vitimas jorrou abundante no Eden. Os sicários de Solari Allegro tripudiaram á vontade por sobre tudo o que cheirasse a Liberal. Mas a hora da justiça em breve ia suar porque não podem manter-se as causas que teem como principais esteios facinoras de tal jaez.

E o reino do Porto, de triste memoria, ia baquear ao sopro da Liberdade com a mesma facilidade com que se implantára á sombra da tirania e da traição.

O povo do Porto seguiu o heroico exemplo do glorioso povo de Monsanto.

Hasteando na sua frente o pendão augusto da liberdade ele aí vai, entusiasmado e crente, expulsar a tirania criminosa que o tivera amordaçado durante alguns dias. Cumprido o seu dever, nobilissimo dever de redenção da Liberdade e de salvação da Patria, ele voltou á paz do seu lar, ao remanso carinhoso da familia.

E' que o Povo de Portugal não consente que o escravizem, que o oprimam com formulas que para sempre morreram.

A Patria e a Liberdade são o seu pensamento dominante e mal avizado anda quem julgar que poderá distrai-lo para sendas tortuosas...

Gazetilha

P'ra se pilhar nicho bom
Nesta republica má,
Melhor motivo não há
Do que ser da monarquia.
Quem fôr bom republicano,
Chuchará sempre no dedo
E deve andar mudo e quedo,
Se não vai p'ra enchovia.

Ser talassa é hoje moda
Do bom tom e de proveito.
Havendo posta de geito
Tirar-lh'a já ninguem tenta.
E não fica agradecido...
O talassa é sempre ingrato.
Tem o feitio do gato,
Arranha quem o sustenta.

Cuca.

CONVITE

Convidam-se todos os antigos socios do Centro Escolar Republicano e os republicanos filiados no P. R. P. a comparecer a uma reunião que se efectuará na Rua Tenente Rezende, n.º 6-C, no proximo dia 18, pelas 20 horas, a fim de se tratarem assuntos que dizem respeito á reorganização do referido Centro.

Aveiro, 15 de fevereiro de 1923.

Pela comissão, o presidente,
José Casimiro da Silva.

Dr. Barbosa de Magalhães

Com demora apenas d'algumas horas, esteve em Aveiro este ilustre homem publico e nosso eminente correligionario.

S. ex.ª, de cuja estada nesta cidade quasi ninguem soube, partiu ontem, no rapido da tarde, para Lisboa.

Club dos Galitos

Como de costume ofereceu este club aos seus socios um baile no teatro aveirense.

Foi muito concorrido pois que a assistencia enchia por completo esta elegante casa de espetáculos.

A animação foi grande tendo-se dançado animadamente até ás 4 horas da madrugada.

Procissão das Cinzas

Realizou-se, ontem, com o costumado brilho e com a assistencia de alguns milhares de forasteiros, a tradicional Procissão das Cinzas.

Tudo decorreu na melhor ordem havendo apenas a registar-se pequenos incidentes que certamente não se teriam dado se alguns srs. catolicos, menos tolerantes e menos educados, dessem ás crenças alheias o mesmo respeito que exigem para as suas.

Não é com as diatribes de esturrados sem senso nem educação que se impõem as doutrinas que dizem defender, mas que afinal apenas rebaixam e amesquinham com as suas más ações.

Cristo não prégou a truculencia e a desordem como meios de evangelização nem estes são os mais eficazes processos para se conseguir a difusão duma doutrina. Que os srs. catolicos atentem nisto para evitar que, contra os seus desmandos, surja qualquer reação que lhe inutilize as suas exibições espetaculosas.

Não pretendemos defender qualquer culto ou religião. Desejamos apenas o respeito para todas as consciencias e principios.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não publicamos a nossa habitual secção Notas... ligeiras *e outros artigos do que pedimos desculpa aos nossos leitores e colaboradores.*

NO BAILE DE MASCARAS

Florinha da rua, via muitas vezes acompanhar a mãe céguinha no peditorio dos sabados, de porta em porta, e nos restantes dias da semana, ir leva-la até á ponte dos Arcos onde a deixava, com a mão espalmada esperando que almas-bemfazejas nela depozessem o obulo apetecido. E quando assim a via, a florinha esgueirava-se para ir brincar com outras da sua egrejinha, ao chinchão, no jogo da rua.

A penuria era muita: dias de fome, noites de frio, tremendo sob os farrapos imundos, rilhando os dentes sem ter que comer. A mãe, foi a fome e os desgostos que lentamente a mataram. A filha, florinha da rua, galderia perdida pelos apetites carnais dos que nos restaurantes ou tabernas, altas horas a encontravam vadiando nas sombras das ruas, desapareceu um dia da cidade sem que alguem dissesse do seu paradeiro.

Se a morte a levasse, talvez que a sua carne jámais luxuria despertasse nos lubricos frequentadores das tabernas e dos restaurantes que por horas mortas da noite a encontravam nos desvãos das portas, nas sombras das esquinas, respondendo aos avinhados galanteios com obscenas tiradas aprendidas no convivio de perdidas similares.

*
* *

Ontem, passados tantos anos, esquecido já daquela florinha da rua, a quem a fome matára a mãe, via mais uma vez.

Eu saía do restaurante do teatro quando um dominó de veludo negro nele ingressava, olhou-me sob o lup com uma fixidez provocadora, e tocando-me no braço, disse-me:—Não pagas nada, meu querido?

Respondi-lhe com indiferença que não. O dominó insistiu e perguntou se a não conhecia. Que não, respondi novamente, e então tomando-me o braço convidou-me a entrarmos num gabinete. Ali tirou o lup e reconheci então a florinha da rua de outros tempos, mas agora feita mulher, de olhos pretos mas de um brilho amortecido, a cutis empergaminhada, a voz arrastando-se de cançada.

Contou-me a sua odisseia—triste odisseia—desde o abandono da cidade até agora ao seu regresso. Vinha doente, muito fraca, o ar faltando-lhe por vezes, tendo sufocações repetidas, e até já por duas vezes havia golfado sangue pela bôca. Um homem a quem do coração se dedicára, pagára-lhe com ingratidão todo o seu amor. Sentia-se morrer e vinha morrer na sua terra. Pela ultima vez queria fingir-se alegre, atordoar-se, esquecer no bolicio do baile de mascaras as suas dôres, porque logo, á saída, talvez a sua vida se esvaisse com nova golfada de sangue.

Aveiro, 11—2—1923.

F. Nascimento Correia.

O Bispo de Coimbra e a musica do Troviscal

O bispo de Coimbra, não sabemos porque carga d'agua, descobriu que uma musica que acompanhasse qualquer prestito civil ficava, á fase de Deus, inibida de desempenhar as suas funções em actos religiosos. E toca de excomungar, por essa razão, a musica do Troviscal, do concelho de Oliveira do Bairro. A excomunhão não atingiu apenas a colectividade, pois que excomungados foram tambem os musicos individualmente e não sabemos se tambem os instrumentos.

Pensam os leitores que o povo da laboriosa freguezia do Troviscal vendo a musica fulminada pelos raios da excomunhão, passou a fugir dela como Mafoma do toucinho? Enganam-se porque, se a musica até á excomunhão era querida, agora é quasi idolatrada pelos seus conterraneos.

E assim, o povo liberal realizou um comicio de protesto contra a atitude insolita do bispo tendo falado eloquentemente, entre outros, os srs. coronel Vasconcelos Dias e drs. Fernandes Martins e Gualberto de Melo.

Fizeram-se afirmações bem republicanas que foram fartamente aplaudidas por alguns milhares de pessoas.

Bem mal avisado andou o sr. Bispo em ofender os sentimentos daquele bom povo porque, se outro caminho tivesse trilhado, não submeteria as suas pobres ovelhas ao amargurado transe duma interdição vibrada pelo povo liberal do Troviscal.

Damos á estampa os dois decretos, o do bispo e o do povo, para não lhe tirarmos o sabor.

1.º

Música do Troviscal

Por decreto de 18 de Novembro de 1922 foi lançado *interdicto* á musica do Troviscal. Em vista disso:

1.º Esta música não póde ser convidada nem tomar parte em actos religiosos.

2.º Os Revd.os Sacerdotes devem recusar-se a assistir ás festas ou actos religiosos, não só quando saibam que neles toma parte aquela filarmónica interdicta, mas tambem quando lhes não seja garantido que tal filarmónica não aparecerá a tocar no local e dia da festa, ainda que seja antes ou depois de concluida a parte religiosa.

3.º Atendendo ás circunstancias especiais dêste caso, tambem os Revd.os Sacerdotes não devem

tomar parte em festas ou actos religiosos em que tome parte qualquer músico da filarmónica do Troviscal, embora encorporado noutra filarmónica.

4.º Se alguma outra música tomar parte em algnma pretendida procissão ou paródia aos actos religiosos fica *ipso facto* interdicta.

Coimbra, 15 de Dezembro de 1922.

† *Manuel*, Bispo de Coimbra.

——

2.º

Considerando que esta filarmónica foi interdicta por ódio político e pessoal e não por qualquer acto ofensivo da religião católica;

Considerando que a sua linha de conduta, fóra e dentro dos templos, nunca tem merecido censura ou repreensão de *quem quer que seja*, porque sempre se tem sabido manter dentro da compostura e da decencia;

Considerando que outro tanto se não póde dizer daqueles Snrs. padres que planearam e propuzeram a interdição, visto a sua vida moral e social merecer a reprovação de toda a gente de bem e honesta;

Considerando que classificar de «pretendida procissão ou paródia» um enterro civil manifesta bem má vontade contra as leis do Estado a que todos devem acatamento;

Considerando que sempre se teem permitido actos religiosos na freguesia, sem ninguem procurar ferir e muito menos perseguir quem neles toma parte e sempre respeitando-os;

Considerando que não tem havido igual procedimento da parte dos Srs. padres, o que manifesta ódio e má vontade contra tudo o que representa liberdade;

Considerando que esse ódio mais se acentua visto não terem ainda sido interditas *outras filarmónicas ou músicas* que procederam como a desta freguesia;

Considerando ainda que são esse ódio e má vontade, vindos á supuração após 12 anos de República (quando mais se falava em concessão aos católicos e tolerancia!), que pretendem acabar com a filarmónica e consequentemente proíbir todas as outras a assistir a actos civis nesta freguesia;

Considerando que, embora os Srs. padres reconheçam que erraram, querem tiranicamente forçar os *ofendidos* a uma humilhação que não é cristã nem humana;

Considerando que os erros e faltas devem ser sempre reparados por quem os pratica;

Considerando que as leis do Estado garantem a todo o cidadão a liberdade de consciencia, de pensar e de trabalho e que interditar a filarmónica é atentar contra essa liberdade;

Considerando que a liberdade de quem quer que seja não póde ir além e cessa sempre onde começa a liberdade de outrem;

Considerando que as leis do Estado não devem ser desrespeitadas por nenhuma classe ou casta e que ninguem tem o direito de privar os cidadãos das regalias que elas consignam;

Considerando que, segundo o Padre La Cordaire, toda a guerra de liberdade é sagrada;

O povo liberal da freguesia do Troviscal, ofendido com o procedimento dos Srs. padres e Ex.mo Bispo de Coimbra, escudado não na fôrça da lei, mas na lei da fôrça, resolve:

1.º Lançar o interdito *sôbre todos os padres, que dentro dos limites desta freguesia não poderão praticar qualquer cerimónia religiosa.*

2.º O interdito *cessa quando á música seja permitido exercer a sua profissão em toda a parte sem pressão ou coacção de especie alguma.*

Troviscal, 4 de Fevereiro de 1923.

O povo liberal.

Boa resposta, não acham?

POUCA SORTE

O homem do *Democrata* anda decididamente com pouca sorte. Pouquissima sorte mesmo.

Eu compreendo que o articulista, vendo que a Religião oprime, escraviza até ao ponto de não nos deixar exercer *livremente* o liberrimo cargo de empregado publico, se visse na necessidade de a substituir por outra mais comodaticia que se coadune com o caminhar progressivo da sociedade e se entretenha a recomendar porcarias como estas: *guardar castidade. não furtar*, etc.

O que não se compreende, o que não se tolera, o que não póde admitir-se é que o homem confie tanto na estupidez dos seus leitores que, á maneira dos charlatães de praça, pretenda vender o elixir da sua crença, apregoando uma eficacia que não passa de mera burla. E o homem, no que respeita a Religião, é um autentico burlão. Tem uma religião para si, toda paz e amor, que o manda governar-se pela chucha calada, mentir. caluniar, difamar, etc. e tal, e que, depois, excessivamente compassiva, lhe perdôa todas essas fraquezas de somenos importancia!...

E, honra lhe seja feita, o homem põe todo o empenho em destruir essa nefasta religião que tem como pregoeiros o Bispo de Coimbra e quejandos, para defender a sua que dá largas ás paixões e que depois nos dá tambem a bemaventurança...

Nesta ordem de ideias o articulista pretende demonstrar que a vida do falecido capelão não foi depravada e antes tem a aplaudi-la os textos da Biblia e o exemplo de Salomão, David, Madalena, Santa Ursula, Alexandre VI, etc., etc.

Antes, porém, de abrir os olhos neste ponto ao desengoçado ilheu, passemos a refutar o que ele conclue ácerca de Camilo.

Esforça-se o homem por demonstrar que esse vulto literario com que o seculo XIX mais se ufana, foi descrente até á morte.

Para quem leu o *Perfil de Camilo Castelo Branco*, do Padre Sena Freitas e para quem conhece a obra do imortal romancista, decerto se torna desnecessaria a demonstração de que Camilo não foi um descrente: ela conclue-se das suas obras e da sua acidentada vida.

Mas para quem não conhece mais do que a *Questão da Sebenta* e o 2.º volume dos *Serões* essa demonstração torna-se uma necessidade absoluta.

Quem dum lado põe obras gigantescas como as que se intitulam *Divindade de Jesus, Lagrimas abençoadas, Horas de Paz* e *Duas épocas da vida*, com o contrapeso de Chateaubriand, de Baguenault de Puchesse e do Padre Lescœur que Camilo verteu, buscando transladar a vernaculo os monumentos cristãos da literatuta francêsa — quem dum lado põe estes monumentos e do outro amontôa as ruinas dispersas por meia duzia de volumes, nota uma diferença espantosa e vê facilmente que a verdade daquelas doutrinas não desfalece ante a liberalidade destes escritos.

E, quem escreve obras geniais como essas, em que o espirito se eleva até á meditação na vida de alem-tumulo não é, positivamente, um descrente, como o *Democrata* pretende.

O ilheusito, porem, canta vitoria e diz que sendo a *Questão da Sebenta* escrita 30 anos depois da *Divindade de Jesus, o espaço é mais do que suficiente para ficar revogado e abjurado o que Camilo escreveu em 1852.*

Alto lá, que não é tanto assim.

O espaço não revoga nem abjura; as palavras tambem não destroem os factos.

E se é certo que Camilo apresenta factos em defeza do Cristianismo ¿onde e quando lhe opoz factos que revoguem e abjurem o que primeiro escreveu?

Pela nossa parte — confessemos a ignorancia — não o sabemos.

Mas ainda que assim fosse, ainda que as provas que apresentámos, junto a inumeras outras que poderiamos apontar, fossem insuficientes para demonstrar que Camilo não foi um descrente, ainda assim poderiamos citar ao homem do *Democrata* coisas que Camilo escreveu depois da *Questão da Sebenta* e em que bem mostra a sua crença, a sua fé inabalavel, firme, apenas contaminada um pouco pelas «indigestas leituras desses pessimos quimicos que se chamam Strauss, Büchner, Drapper e quejandos».

Ora faça o favor de ouvir:

Em 1885, se não depois, escrevia Camilo:

«O retrato que me fizeram ha 30 anos está ali ao lado do que ontem me fizeram aos 60 anos. Estão espantados um do outro. O do velho diz ao rapaz:

—Eu já fui isso que tu és.

O do rapaz diz ao velho:

—Bem sei. Estou aqui para te punir pela vangloria com que então te retrataste nesta postura soberba de força, de saude, com um sobrecenho petulante. Contempla-me, velho, e, se não és tão miseravel que chores, lê a *Velhice* de Cicero, e verá, que a Providencia Divina até nas margens da sepultura faz vicejar as flôres. Tens sobre mim grande vantagem. Eu tinha de tragar o caliz de 30 anos de desgraças, tu cumpriste a sentença, e vais emfim descançar.»

Analise bem o *Democrata* e, depois, chame descrente a Camilo. Mais ainda:

A 20 de abril de 1887, se bem me recordo, escrevia Camilo na *Ilustração Luzo-Brazileira:*

«Eu de mim creio que Deus, autor das angustias d'alma e corpo, deve ter criado tambem algum anodino que as mitigue. E se não é a oração, que ha de ser?...

Mas se ha aí desamparado que nenhum alivio experimentou orando, antes de negar a existencia de Deus, procure-o. Vá sosinho. Suba aos espigões das montanhas ou desça aos reconcavos dos despinhadeiros. Isole-se; procure-o aí e espere-o... Quando se sentir penetrado duma serenidade humilde e reportada como a paciencia, aí está Deus.»

Lêu? Gostou? Agora chame descrente a Camilo, faça favor.

Um bocadinho mais ainda:

A 10 de Setembro de 1888, 5 anos depois da Questão da Sebenta e 3 anos depois de escrever o 2.º volume dos *Serões*, Camilo, aflicto, telegrafava a D. Sebastião Leite de Vasconcelos, o Bispo de Beja, ha pouco falecido, e que então era simples padre:

«Só Deus póde valer-me. Interceda por mim.»

Palavras de um descrente, não?

E a par destes quantos outros factos não podiamos nós apontar para concluir que Camilo nunca foi descrente?!

Quantos e que concludentes!

Aquele, por exemplo, que Sena Freitas refere:

«Camilo, arrependido de ter traduzido um livro contra um dos dogmas da religião em que fôra educado, mandou recolher das livrarias todos os exemplares que estavam á venda, e mostrou-mos empilhados, aos cem, sobre as estantes do seu escritorio.»

E quantos outros! E quantos outros que a miopia cerebral do ilheusito nunca conheceu!

Bem dizia o 1.º Conde do Vimioso, D. Francisco de Portugal:

«A ignorancia obra monturos.»

E' vêr o ultimo numero do *Democrata*...

Camilo não foi portanto um descrente como o articulista pretendeu concluir. E agora diremos, já que o seu acanhado juizo nem isso atinge, que aqueles que se retratam na velhice não fazem *a triste e reles figura de inconscientes e energumenos.*

Muito ao contrario do que o senhor pretende a velhice não desnorteia: é a quadra em que o homem foge das ilusões do mundo para pensar mais cuidadosamente na vida que a morte traz.

Seja ainda Sena Freitas quem lhe responda:

«No inverno da nossa existencia o frio envolve-nos o coração como o gelo das regiões polares cinge de subito o vapor surto nos seus mares; mas uma assombrosa e, se assim posso dizer, cerulea diafaneidade opera-se na inteligencia, onde se dissiparam, sob a acção do tempo, as ultimas nuvens das ilusões. As palavras dum sabio e dum velho deviam ser só proverbios.»

Passemos a outro ponto.

ALA DOS POETAS

SOL-FORA

Como é voluptuoso o aroma da manhã!
Eu, que jámais perdi o vicio da cidade
e agora amesendei na pacatez aldeã
como um velho *D. Juan* que se tornasse frade;

eu, que prefiro ainda á quadra popular
a estrofe alexandrina e as liricas sonoras,
e trato de excelencia as nuvens, o luar,
e duma *Ilustração* faço o meu livro de Horas;

eu, que traduzo ao piano amores de Paris,
e repudio a côr que a Moda não indique,
e amoldo a minha Arte em fórmulas subtis,
e fumo e trato as mãos sómente porque é *chic;*

eu, que esperdiço a noite a lêr ou versejando
qualquer visão ideal que ante os meus olhos passa,
e só desperto, emfim, já alto dia, quando
o Sol me cumprimenta a rir, pela vidraça,

— fui nesta madrugada o idílico pagão
que escuta, embevecido, a geórgica dos ninhos.
Charutos, guarda-sol, boa disposição,
e vá de espairecer por searas e caminhos.

* * *

Seis horas. Nasce a luz. Nos vales mais sombrios
há restos de neblina aurorescendo;—e eu penso
que é deste arminho, urdido em milagrosos fios,
a túnica de Deus no azul do céu imenso.

Tingiu-se de lilás e rosas o Nascente;
e já sôbre o perfil da serra negra e enorme
a aurora flavesceu, melancólicamente,
como um beijo d'amor sôbre um caixão que dorme!

Uma visinha tosse. E' viúva há pouco ainda,
traz cinco filhos a pedir de porta em porta...
Ai quem na conheceu no tempo em que era linda,
e quem na vê agora, em trapos, quasi morta!...

Despede a mocidade, alegre, prós amanhos,
— *oh ai la-ri-ló-lé, oh meu amor primeiro...* —
Assomam num portal dois grandes bois castanhos;
trambolha pela rua o carro do padeiro.

— Olha o cambão, rapaz! que fazes tu pasmado?
Carrega a palha verde e mexe-me esses pés!—
Do cimo da montanha em chamas, o Sol-nado,
como um dilúvio de oiro, espraia lés-a-lés!

Perfumam na azinhaga as sardinheiras brancas;
ingénua, vibra ao longe uma canção do povo.
A filha do moleiro — oh que bem feitas ancas!—
traz a pastar no açude o burriquito novo.

Lá vai um cavador, de sapatões serranos,
camisa arregaçada, o largo peito ao léu...
e o seu olhar, paixão das môças de vinte anos,
reflecte a côr da terra e o brando azul do céu!

— Arreda lá, boi manso! — ecôa nos outeiros.
O *propiatario* clama: — Olhem que o tempo foge! —
E um velho folgazão, por entre jornaleiros,
sorri de quando em quando:—Estes rapazes de hoje!—

E uma balada errante, esparsa, indefinida
ressôa, cresce, e vai dos montes para os montes...
Maestro, o bom deus Pan, batuta de oiro erguida,
comanda na orquestral das aves e das fontes.

E além, serena e dôce, a cúpula do Espaço
fantástico *panneau* de luz caindo em roda,
faz-me lembrar que o céu, num infinito abraço,
é o grande amor de Deus cingindo a terra toda!

Só em tristeza, ali, num lôbrego casebre
sem luz e sem confôrto, a viuva tosse ainda...
Faminta, carne á vista, o peito a arder em febre,
— ai quem na conheceu no tempo em que era linda!

(Do livro no prélo—*Estátuas de Espuma*)

ALIPIO RAMA.

Opina o *Democrata*, num periodo pouco correcto, que a mancebia não revela depravação ou rebaixamento de habitos que escandalizem a sociedade.

Já que estamos em maré de transcrições seja um ilustre professor duma nossa Universidade quem lhe responda:

«O sacerdote que vive em mancebia quebra um voto a que solenemente se obrigou e infringe manisfestamente a disciplina da Igreja a que pertence. Afirmar que esta circunstancia é absolutamente indiferente sob o ponto de vista laico e em face da moral social, equivale a proclamar que a honorabilidade de qualquer pessoa nada tem que vêr com o modo como essa pessoa se comporta dentro da corporação de que faz parte ou no exercicio da profissão a que consagra a sua vida.»

E, sobre o assunto, parece que basta isto.

Agora vamos á Biblia.

Pretendendo desculpar o procedimento do capelão, e não só desculpa-lo como até justifica-lo, apresenta o *Democrata* esta passagem da Biblia: *Crescei e multiplicai-vos.*

Ora isto de forma alguma justifica, ou desculpa sequer, o procedimento do capelão.

Está muito bem que no principio, atenta a necessidade da propagação da especie, fosse essa a moral. Hoje a moral é diferente, inteiramente diversa.

E nem o exemplo de Salomão ou David, Santa Ursula ou Alexandre VI servem, de forma alguma, de justificação ou desculpa do procedimento do capelão.

O que isso prova, o que isso demonstra, o que isso justifica é que infelizmente são muitas as pessoas que levam uma vida depravada, que Deus condena, e que escandalizam a sociedade com o seu exemplo nefasto.

Quanto a Madalena, é certo que foi perdoada porque muito amou. Mas o amor que a salvou foi o amor Divino e não qualquer outro que o articulista asnaticamente julgue.

Arrependesse-se o capelão, amando muito a Deus, e de Deus poderia, decerto, esperar o perdão.

Aos que pretendiam apedrejar a mulher adultera, Cristo observou-lhes que lhe atirasse a primeira pedra o que estivesse isento de culpa.

E isso que prova?—Que, infelizmente, são muitos os culpados.

Mas Cristo não deixou de condenar o adulterio e disse a essa mulher: *Vai e não tornes a pecar.*

S. Paulo quando diz:

«o que não poder ser casto seja, ao menos, acautelado»,

recomenda-nos em primeiro a castidade e não nos manda *governar pela chucha-calada*, como diz o *Democrata*.

E aqui tem o *Democrata* as suas conclusões desfeitas.

Pouca sorte!

Antonio de Niza.

Sindicancia ao Museu Regional

Esclarecimento necessario

Do Governo Civil recebemos a seguinte nota:

O sr. João Augusto Marques Gomes foi pronunciado provisoriamente a 23 de novembro ultimo, e, usando do direito garantido pelo artigo 3 n.º 20 da Constituição e pelo artigo 7 do Decreto de 14 de outubro de 1910 e do artigo 14 e seu § unico do Decreto de 19 de novembro do mesmo ano, requereu a instrução contraditoria apresentando testemunhas. Só depois desta concluida, o meretissimo Juiz de Direito d'esta comarca poderá converter em definitiva a pronuncia, se assim a julgar necessaria.

Só depois desta é que, como consequencia legal, terá o empregado visado de ser suspenso de suas funções até ao julgamento do processo respectivo.

O DEBATE atravez do districto

ILHAVO, 12—2—923

Em Ilhavo, terra de gente honesta e trabalhadora, deram-se ha pouco tempo incidentes que mais parecem originados por qualquer rufia de vielas escuras do que por um homem que usa o titulo de Doutor.

Bem de lastimar é que, como diz o nosso correspondente, uma corporação cujo fim é todo humanitario e altruista, se preste a atacar traiçoeiramente um homem cujo crime é ser republicano, só para servir de instrumento ao ódio politico do seu chefe.

A Republica tem sido generosa até ao extremo. Este cavalheiro que ora chefia a corporação de bombeiros de Ilhavo, foi um dos mais audazes combatentes do celeberrimo batalhão academico da Traulitania, esse reino efémero de crime e de loucura que a Historia amarrará ao pelourinho ignominioso do Eden.

Estão bem vivas ainda as cicatrizes desse antro de banditismo em que meia duzia de scelerados a soldo dos reais batalhões academicos *e de toda a tropa fandanga do* condestavel *retalhavam as carnes de todos os que fossem republicanos. Estes perdoaram numa ancia de paz que exuberantemente teem demonstrado em todas as emergencias dificeis da vida da Republica.*

Mas generosidade não significa cobardia e para aqueles que, pagando com negra ingratidão a nossa generosidade, ofendem gravemente a Republica na pessoa das suas autoridades, exigimos a sanção severa da lei.

Sr. Governador Civil: Olhe V. Ex.ª para este caso em que o seu proprio prestigio está em jôgo, pois foram insultadas as autoridades de V. Ex.ª imediatamente dependentes.

O que desejamos não é uma vingança, mas sim o prestigio da Republica e das suas autoridades.

Enquanto lá fóra nas ruas todos se divertem e riem com o Carnaval, eu metido entre as quatro paredes do meu cubiculo, vou escrever esta correspondencia.

Não a escrevo no tom facêto do costume porque o assunto que vou tratar é bastante sério, visto tratar-se duma lamentavel ocorrencia que se deu entre uma associação, pela qual nutro o mais carinhoso afecto e respeito e uma autoridade ainda que modesta, o regedor desta freguesia que é um correligionario nosso, um cidadão activo, trabalhador e honesto.

A associação a que me refiro é a Associação dos Bombeiros Voluntarios de Ilhavo, composta na sua maior parte de rapazes artistas cheios de abnegação á causa a que se dedicam; tão bela, tão nobre e tão humana.

E' capitaneada por um engenheiro ha pouco chegado da Belgica, onde tirou o seu curso e para onde tinha fugido apóz o movimento monarquico de 1919.

Este «ilustre monarquico» que fez parte do «estado maior do real batalhão academico do Porto»—e que é devedor aos republicanos de Ilhavo e Aveiro pela maneira galharda como o trataram dando-lhe liberdade provisoria, e que êle habilmente aproveitou dando cêbo nas botas, em vez de o enviar para o Porto, onde teria uma recepção «festiva»—todas as vezes que vê um republicano na sua frente, toda a sua cólera se incendeia e os seus instintos vingativos que largamente se desenvolveram no Edem Teatro, se patenteiam perante nós.

E assim foi que na noite de 4 para 5 do corrente êle procedeu.

Relatemos os factos tal qual eles se passaram e que nos foram narrados por pessoas idoneas e de absoluta confiança e imparcialidade:

São 21 horas do dia 4 de fevereiro. Vai começar a sessão cinematografica no Salão Caridade. Na plateia encontram-se quatro bombeiros fardados e equipados, tantos quantos são os precisos para formar o piquete préviamente requesitado pela autoridade. Cá fóra nem sinal de bomba de incendios, «como é do regulamento.»

O seu comandante anciosamente espreita a chegada da namorada para em um camarote visinho, gentil e gratuitamente fornecido pela emprêsa, ir passando a noite em agradavel conversa com ela, como dias antes fizéra.

Em breve trécho, ouve-se um dos empresarios perguntar a um homem que se encontra sentado numa cadeira:—O seu bilhete? Resposta:—Sou bombeiro e tenho aqui um cartão passado pelo meu comandante e que me autoriza a entrar gratuitamente nesta casa.—Poderá ter razão, lhe volve o empresario, mas enquanto não me apresentar o bilhete do espectaculo não póde permanecer aqui.

Tinha razão o empresario. Se a Companhia dos Bombeiros fôsse formada de cem praças, com tal ordem passada pelo comandante, antes dum mez teria que abrir falencia.

O homem furioso e vexado vai contar o caso ao seu comandante. Este não menos furioso dirige-se á emprêsa e increpa-a pela sua resolução. Responde-lhe em termos correctos o sr. Regedor que horas antes tinha recebido instrucções do sr. Administrador para o representar e fazer manter a ordem. Mais furioso ainda, o comandante lembrando-se dos seus dias belicos da traulitanea, ardendo em vingança proíbe o espectaculo, alegando a deficiencia de segurança da casa.

Volta á carga o sr. Regedor alegando que, se a casa estava em condições de segurança antes do tal bombeiro saír, tambem o estava naquela ocasião, e que não queria barulhos naquela casa motivados por uma vingança mesquinha da parte do comandante.

No Salão ouvem-se apitos de bombeiros. Os espectadores assustam-se julgando ser incendio. Serenam-se os animos e sabe-se que era o comandante tocando a reunir os bombeiros fardados e não fardados. A estes, é-lhes dada a ordem de irem ao quartel fardar-se. Seguem depois todos para casa do sr. Administrador do concelho com o fim de requerer ordens energicas contra o Regedor.

Em sua casa respondem-lhe que não está.

O comandante duvidando da sinceridade da resposta, ordena então que quatro praças cerquem a casa até que sua ex.ª entre para vêr o que ha de verdade naquela resposta.

!!!...

Quatro bombeiros por ordem do seu comandante a cercarem a casa do snr. Administrador do concelho!!!

Já é audacia!

Que dirá o sr. dr. Juiz da comarca daqui a alguns dias, a esta scena?!...

Sr. Governador Civil: que diz V. Ex.ª perante uma afronta de esta especie ao seu legitimo representante em Ilhavo?!...

Mas sigàmos o nosso relato.

Terminada a sessão cinematografica que correu na melhor ordem depois da saída dos bombeiros, o sr. Regedor dirige-se a casa na companhia de sua esposa e filhinha. Na rua de Camões, ao passar pelo comandante, este, furioso ainda, dirige áquele algumas palavras insultuosas.

O sr. Regedor, que não está disposto a atura-lo, dá-lhe voz de prisão e o «herói» abrindo o gabão, rapa da machada e cresce sobre ele.

Um conflito sangrento vai dar-se; mas alguem de bom senso mete-se de permeio e com bons conselhos evita assim uma lamentavel desgraça!

Continua o sr. Regedor o seu caminho e vê em todas as embocaduras das ruas, que vai atravessando, um ou dois bombeiros de vedeta. Alguns teem a cobrilhes aquelas honradas fardas, um gabão.

Um gabão!!!

Um gabão a cobrir uma farda de bombeiro!!!

Srs. Bombeiros Voluntarios de Ilhavo, essas fardas que usais, essas mesmas com os mesmos galões, com os mesmos botões e com esse mesmo pano, foram usadas pelos benemeritos bombeiros Anselmo Corujo, Antonio Encarnação, Antonio Rocha e tantos outros que tão grandes foram nos seus rasgos de abnegação pelos seus semelhantes, engrandecendo-as com actos de civismo que ainda hoje são apontados como heroicidades! Cobri-las com um gabão a horas mortas da noite com um fim diferente daquele a que foram destinadas, é desonra-las!

E um homem, um só, mal crientado, acaba de transformar esse nome honrado em...

Ah! não me atrevo a escrever e a completar o meu pensamento, tal é o profundo sentimento de respeito que nutro pela vossa Associação!

Despi essa farda ou escolhei alguem que vos dirija na verêda do bem.

Mas... adiante.

Mais alguns bombeiros são encontrados de capelo ferrado, fazendo luzir os botões amarelos das fardas e o brilho das suas machadas.

Junto á casa do sr. Administrador está um a quem o snr. Regedor pergunta o que faz áquela hora naquele local.

A resposta foi um toque de apito e do bêco que ladeia a casa do sr. Administrador, sáem mais bombeiros que atacam o sr. Regedor á machadada.

Este, recebe um ferimento nas costas; procurando defender-se dá um tiro para o ar com o fim de amedrontar os assaltantes; agarrado traiçoeiramente pelas costas, por um outro é-lhe vibrada uma segunda machadada no frontal.

Acode o povo de Cimo da Vila; grande barulho e os bombeiros com o seu comandante á frente dão ás de vila diogo!

Que tristeza, que vergonha!

Infelizes rapazes que não souberam o que de mau praticaram!

Mas eles não são responsaveis por tal acção. Responsavel é o comandante que os levou até final de tão vergonhoso acontecimento.

Um estrangeiro.

Block-Notes

Em Aveiro, a passar a lua de mel, esteve o nosso querido amigo sr. Marcio Vieira Neves. Aos noivos, naturais de Cantanhede, onde fixaram residencia, desejamos todas as venturas de que os tornam credores os seus belos dotes de inteligencia e de coração.

= Com curta demora esteve entre nós o nosso amigo sr. dr. Abel de Campos Vieira Neves, mui habil advogado na comarca de Cantanhede.

= Tambem cumprimentámos nesta cidade, onde veiu de visita a sua Esposa e filhos, o nosso amigo sr. José Maria da Cunha, habil professor em Vila Cortez da Serra (Gouveia).

= Para Coimbra partiu com sua Esposa, a fim de esta ser submetida a uma melindrosa operação, o sr. dr. Cesar Fontes, habil clinico nesta cidade. Os nossos votos dum pronto restabelecimento.

NECROLOGIA

Faleceu, no Porto, o importante capitalista e comerciante sr. Luiz de Andrade Vilares, tio do nosso querido amigo e ilustre governador civil, sr. dr. Jaime de Andrade Vilares.

O Debate envia á familia enlutada e em especial ao ilustre chefe do districto, sentidos pêsames.

Regimento de cavalaria n.º 8

ANUNCIO

(*1.ª praça*)

O conselho administrativo deste regimento faz publico que no dia 3 de março, por treze horas, procederá á arrematação em hasta publica das rações de forragens a verde para os solipedes do regimento e adidos, pelo espaço de 20 dias.

As propostas feitas em papel selado da taxa em vigôr, segundo o modêlo do caderno de encargos, serão apresentadas neste conselho até á hora da abertura da praça, em carta fechada e lacrada, acompanhadas da caução provisoria de trezentos escudos (300$00).

O caderno de encargos está patente todos os dias uteis das 11 ás 15 horas na secretaria do Conselho Administrativo.

Quartel em Aveiro, 15 de fevereiro de 1923.

O secretario,

Joaquim Ribeiro Martins.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação no "Diario do Governo„, citando os interessados Manuel Duarte, casado, José Duarte, solteiro, maior, Firmino Duarte, solteiro, maior e Joaquim Duarte, solteiro, maior, ausentes em parte incerta para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico por obito de sua mãe Emilia dos Santos, moradora que foi em Aveiro.

Aveiro, 1 de Fevereiro de 1923.

O Juiz de Direito substituto,

Alvaro de Eça.

O Escrivão,

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

Motor a gazolina horizontal

VENDE-SE um de força de 8 H. P. tipo industrial, marca «Premier», com magneto de alta.

Para tratar com Carlos Cardoso—Aradas—Aveiro.

Prélo VENDE-SE um em bom estado, medindo 60X75. Quem pretender dirija-se á «Tipografia Luzitania», rua Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO.